ANÁLISE DIALÉTICA DA TEORIA DOS ÍDOLOS DO NOVUM ORGANUM NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO APODÍTICO : CONTRIBUIÇÕES À CIÊNCIA E À FILOSOFIA

RESUMO: No projeto da construção do conhecimento científico e filosóficos realizado por Francis Bacon no Novum Organum, o pensador inglês busca identificar os erros ou vícios mais comuns que prejudicam o processo intelectivo de aprendizado e construção do saber científico. Intuitivamente percebemos que os quatro tipos e ídolos ou vícios são possibilidades reais e existentes em todas as construções teoréticas ou práticas do saber, mas necessitamos de um método dialético que nos certifique que ambos são necessários e ao mesmo tempo suficientes para toda ação científica ou filosófica. Para essa análise utilizamos o raciocínio decadialético de Mário Ferreira dos Santos, uma aposta efetiva e confiável para esses objetivos.

PALAVRAS CHAVE: TEORIA DOS ÍDOLOS – CONHECIMENTO – DECADIALÉTICA – SABER – PENSAMENTO CONCRETO – MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

INTRODUÇÃO:

 Francis Bacon é considerado como um dos fundadores da ciência moderna. Como filósofo dedicou-se a desenvolver uma nova metodologia científica, baseada na indução e na experimentação (MARQUES, 2015, p.18). Para o filósofo inglês a natureza é superior aos argumentos racionais para a construção do conhecimento, o que implica que os axiomas teoréticos devem ser retirados dos fatos particulares, da realidade, não da lógica abstrativa realizada na mente (BACON, 2014). Por outro lado, Francis Bacon enfatiza que para construirmos corretamente esses axiomas devemos primeiramente evitar ações temerárias e prematuras, o que o autor chama de antecipações da vida, mas sim realizar uma real interpretação dos fatos da natureza (BACON, 2014, af. XXVI). Nesse ponto temos que nos precaver dos ídolos ou vícios consequentes, que fazem parte do nosso ser ou nossa sociedade, e que podem corrompem nossa real interpretação da realidade. É nesse ínterim e de forma clara e evidente que quando buscamos as causas dos nosso preconceitos e ideias cristalizadas estamos indiretamente utilizando das grandes contribuições do filósofo inglês tanto para a filosofia como para a ciência: a teoria dos Ídolos. Localizada nos aforismos de XXXVII a LXIX do livro Novo Organum (BACON, 2014), apresenta-se para muitos autores como uma das mais famosas e sofisticadas passagens do autor na história da Filosofia. Nessa parte do Novum Organum, Bacon intenta identificar vícios ou preconceitos que não permitem que possamos construir um conhecimento teorético-prático real e verdadeiro.

 A teoria dos Ídolos é sistematizada em quatro ideias cristalizadas ou preconcebidas que de acordo com o pensador inglês interferem no processo de construção do conhecimento: os ídolos da Caverna, os ídolos do Fórum, os ídolos do Teatro e os Ídolos da tribo (BACON, 2014, P.19-35).

 Por outro lado, mesmo que intuitivamente percebemos que esses vícios são possibilidades reais, não sabemos se eles encerram completamente os erros que podemos encontrar na construção do saber e se eles representam real-realmente fontes necessárias e suficientes de análise dos erros no processo intelectivo. Nesse ponto cremos que o método dialético de dez campos de Mário Ferreira dos Santos é uma possibilidade analítica válida de análise por ser uma aposta séria e concreta nas busca de soluções reais, por ser coerente com a apoditicidade metodológica necessária, por buscar contradições e aporias no discurso, e finalmente por intentar uma concreção humana teórico-prática mais completa e sólida ao saber.

 Assim sendo, o objetivo desse artigo é analisar através da dialética de dez campos de Mário Ferreira dos Santos as reais contribuições que a teoria dos ídolos tem para a construção de um método apodítico e eficaz de análise de construção dos erros nos raciocínios científicos e filosóficos.

TEORIA DOS ÍDOLOS:

 A teoria dos Ídolos do Novo Organum (BACON, 2014) é sistematização em quarto vícios ou ideias cristalizadas ou preconcebidas que de acordo com o pensador inglês interferem no processo de construção do conhecimento: os ídolos da Caverna, os ídolos do Fórum, os ídolos do Teatro e os Ídolos da tribo (BACON, 2014, P.19-35).

 Os primeiros dos vícios ou ídolos, como chama o pensador inglês, são os Ídolos da Tribo (BACON, 2014, aforismo XLI). Esses ídolos são aqueles presentes em nós mesmos como seres humanos limitados e imperfeitos, ou seja, na nossa própria imperfeição sensível ou intelectiva diante da avaliação dos fenômenos da natureza. Muitas vezes nossos sentidos ou nossa própria mente nos mostra os dados da realidade erroneamente, devido a nossa própria imperfeição na captação da informação ou na própria abstração intelectiva. Somos seres imperfeitos tanto cognitivamente como sensivelmente por nossa própria forma constituinte.

 Os segundo erro que nos pode acontecer, segundo o pensador inglês são os Ídolos da Caverna (BACON, 2014, aforismo XLII). Nesse ponto, Bacon enfatiza que nossa construção intelectual, assim como os nossos valores não-intelectuais muitas vezes são construtos originados de vários fatores exógenos, sejam eles modelos educacionais familiares ou acadêmicos incompletos, sejam eles de modelos morais ou religiosos não racionalizáveis, ou seja, significa que sempre estamos sujeitos a formas culturais do senso comum comunitário que formam inconscientemente preconceitos ou vícios que posteriormente usaremos de forma impensada nos nossos raciocínios intelectuais.

 O terceiro vício são os ídolos do Fórum (BACON, 2014, aforismo XVLLL). Como somos construtores sociais da nossa própria linguagem e esta muitas vezes não se relacionam com a realidade, mas sim com discursos de pessoas doutas e intelectuais, muitas vezes incutimos conceitos intelectuais que não se condizem com a realidade, mas sim com o pensamento equivocado de um experto, somos levados a ter crença irreais de discurso ou de significação. Temos assim, um conjunto de ideias cristalizadas que não são esquemas da realidade, mas sim falsos esquema de linguagem que cremos fazer parte da realidade, mas que são construtos lógicos sem relação ontológica real, ou ao contrário, relações ontológicas reais sem um adequado construto lógico adequado.

 E por último, o quarto vício, os ídolos do Teatro, seriam como uma forma mais complexa e mais sofisticada do vício do Fórum (BACON, 2014, aforismo XLIV). Nela não somente temos conceitos linguísticos inadequados provindo de falsas analogias teorético-práticas incorretas, mas sim temos assentadas em nós doutrinas ou ideologias totais de pensamento que julgamos corretas por já estarem assentadas na comunidade intelectual, ou seja, consensuadas como autoridade científica, mas que não passam de ficções sobre a realidade. Criamos um mundo fictício porque cremos logicamente que funciona, mas que não correspondem com a realidade que percebemos ou abstraímos.

 Assim sendo, podemos afirmar que os vícios são 4 topos diferentes na localização do conhecimento, aos quais se encontram os erros de construção do pensamento: em nossas limitações psicofísicas, em limitações do meio próximo a nós na qual fomos aculturados, nas limitações dos nossos grandes modelos, sejam grandes mestres ou educadores, e nas limitações dadas por falsas doutrinas assentadas no meio acadêmico que seguimos erroneamente no nosso processo formativo, mas que seguimos por fazer parte delas.

A DIALÉTICA E A DECADIALÉTICA:

 A dialética é a arte de esclarecer fatos através de ideias (dos SANTOS, 1959, pg.88). Essas ideias não são sentenças comuns dados pelo senso comum, mas sim ideias assentadas pela tradição dadas pela sua autoridade intrínseca, sua própria formalização, como também por sua autoridade extrínseca, dada por autoridades respeitáveis na área. Assim ela intenta dentro do universo de opiniões ou conceituações, ratificar ou não os mesmos através da oposição concreta entre elas, buscando um conhecimento sintético que busque a positividade em cada uma delas. Por outro lado, ela também trabalha dentro do próprio foro de construção do pensamento ou raciocínio dado, uma vez que é um verdadeiro embate entre as áreas intuitivas, racionais e *páticas* do ser na constituição do seu próprio saber (DOS SANTOS, 1959). Não esquecendo que o conhecimento é intrinsecamente também um embate de forças dentro do próprio autor entre as suas tensão intuitivas (suas percepções, memória, imaginação), dedutivas (sua lógica demonstrativa) e páticas (suas tendências axiológicas ou valorativas), sendo esta última um encontro social, econômico, psicológico e valorativo do seu próprio conhecimento.

 Essa construção dialética por oposição de ideias na busca de um conhecimento real, mesmo que ele mesmo não seja ao apodítico, mas sim probabilístico, conjuntural, especulativo ou até mesmo aporético, ou seja, a dialética não busca necessariamente um síntese hegeliana ou marxista, porque trabalha com a realidade, não com as possibilidade futuras (DOS SANTOS, 1959).

 Por outro lado, sabemos que a história da construção do raciocínio dialético passou por vários pensadores, desde Platão na era clássica grega, os trabalhos escolásticos de Nicolau de Cusa; os modernistas Kant, Fichte, Schelling, Hegel e Marx, e os existencialistas pós-modernos Heidegger ou Gadamer (DOS SANTOS, 1959). O raciocínio decadialético de Mário Ferreira dos Santos intenta ser uma soma de todas as contribuições prévias e contemporâneas, já que não fica estrito a esclarecer as contradições metafísicas ou ontológicas discutidas ao longo da própria história dialética, mas sim enfatiza a criação de um método construtivo argumental que possibilite precisar os limites intuitivo-racionais e tensionais dos conhecimentos em jogo, na busca de uma síntese dos opostos que não se auto-eliminem mas ao contrário que se auto-afirmem na sua existência concreta e real. A decadialética do filósofo brasileira consta de um raciocínio dialético sistematizado em dez campos que se constrói com conceitos dialéticos clássicos e escolásticos, se transforma com elementos contemporâneos da dialética hegeliana, marxista e existencialista e retorna ao campo discursivo reforçando-se numa existência fática e real (DOS SANTOS, 1962, p.133).

 A decadialética outrossim é uma aposta intelectual coerente e defendida pelo pensador brasileiro que não pretende de forma alguma criar uma via analítica única de avaliação do pensamento, como tampouco se afirme como um método acabado ou final para a análise de discursos (DOS SANTOS, 1959, p.239). Busca isso sim realizar uma análise clara e evidente que une a lógica com a dialética, a intuição com a dedução, as possibilidades reais ônticas ou ontológicas com a possibilidades abstratas da mente, as análises finais variantes e invariantes, já que a realidade é antinômica e potencial, não é estática e nem absoluta. Por outro lado, as contribuições idealistas de Hegel e materialistas de Marx são imprescindíveis nessa análise dialética, na aplicabilidade real do método porque analisam fatos da realidade concreta, sua historicidade e sua espacialidade existencial humana, seus fatores contraditórios meta-epistemológicos, seu ser-ai que dialoga tanto internamente como se enfrenta a embates externos.

 Cremos assim por esses motivos relatados que o raciocínio decadialético é essencial na análise de toda teoria, opinião ou conceituação filosófica pois intenta intelectualmente a apodicidade, o rigor filosófico e serve outrossim como uma resposta distinta aos pensamentos cientificistas, lógico-matemáticos, absolutistas empíricos ou racionalistas já que une a realidade com a construção argumentativa e não foge a abstrações nem a empiria pura (Dos SANTOS, 1959, pg. 242). Seu caráter relacional permanente entre a teorização das ideias e sua real existência fática, assim como tentativa de integrar contradições do conhecimento e busca de uma ciência dialógica e concreta é essencial a toda construção do saber. Assim descreveremos sucintamente como é a realização do método decadialético e realizaremos sua posterior comprovação na prática textual dos ídolos de Francis Bacon.

DIVISÃO E CONSTITUIÇÃO DO RACIOCÍNIO DECADIALÉTICO:

 São 10 o pontos principais que vamos analisar, de acordo com Mário Ferreira dos Santos. Vale-se ressaltar que esses campos são inter-relacionáveis, o que significa que muitas vezes podemos agrupá-los ou individualizarmos segundo a conveniência textual e analítica. O que buscamos com esta proposta dialética é a progressão analítica da proposta conceitual do autor e possíveis e prováveis oposições válidas e verdadeiras ao conceito pelo estudioso da dialética. Ao final podemos ter como resultados a confirmação do raciocínio, a rejeição do mesmo, a coerência argumental e as conclusões dialéticas possíveis (DOS SANTOS, 1959, p.243-249).

10) CAMPO DO SUJEITO E DO OBJETO:

 No primeiro campo dialético enfocamos qual é o conceito principal implícito na ideia. Segundo Mário Ferreira dos Santos, em todo construto de uma ideia, raciocínio, ou conceito há algo que se considera como central, paradigmático do conhecimento, ou seja, algo que é objeto do estudo e do argumento, e que se atualiza como ideia principal. Por outro lado algo sempre é virtualizado, silenciado ou omitido pelo argumento. Esses pontos devem ser encontrados e enfatizados no início da análise dialética (DOS SANTOS, 1959, p.242). Assim o sujeito é o dado, informação mais importante de tese dada pelo autor e o objeto é a sua localização dentro de uma temática maior.

20) CAMPO DA ATUALIDADE E DA VIRTUALIDADE

 O segundo campo dialético consiste em tentarmos especificar quais pontos estão sendo virtualizados, omitidos ou silenciados e que possivelmente serão objeto de contra-argumentação. Ou seja, qual é a especificidade temática anulada do conceito que é possível de agir no mesmo como força opositiva ao argumento central ou principal do autor e ter poder analítico ou dialético (DOS SANTOS, 1959, p.243). Assim, na atualidade compactamos a ideia do autor sobre o assunto e na virtualidade buscamos ideias que foram omitidas pelo mesmo.

30) CAMPO DAS POSSIBILIDADES REAIS E DAS POSSIBILIDADES NÃO-REAIS

 Uma vez identificado pontos que possivelmente foram virtualizados, separamos a virtualização potencialmente real e que não deveria ser menosprezada, o que o pensador brasileiro chama de argumento provável, da virtualização que não teria possibilidades reais de existir, e somente seria especulativa (DOS SANTOS, 1959, p.243). Nesse ponto dialeticamente estamos intentando construir as contra-argumentações ao pensamento central do autor, mas somente como ponto de discussão possivel ou provável frente à realidade, sem maiores detalhamentos ou justificações racionais.

40) CAMPO DIALÉTICO DA ATUALIDADE E A ANTINOMIA ENTRE INTENSIDADE E EXTENSIDADE

 Voltando ao argumento principal, atualizado no argumento, agora intentaremos reconstruir os passos dados pelo autor, ou seja, intentaremos descobrir como se formou o argumento principal.

 Segundo Mário Ferreira dos Santos (DOS SANTOS, 1959), tudo o que está atualizado e é objeto do argumento tem duas partes essenciais, uma parte intensiva e outra que o autor chama de extensiva. Intensivo é a parte do argumento abstrata, heterogênea, qualitativa, e sendo abstrativa provavelmente será transformado na parte universal do argumento. Extensivo por outro lado é a parte extensa, quantitativa, o que é verificável empiricamente e serve de apoio intuitivo para o argumento, sendo quantitativa, homogênea, empírica ou fatual. Isso nos possibilita observar que em todo pensamento construído racionalmente pelo autor há uma oposição dialética entre fatos quantitativos e qualitativos (DOS SANTOS, 1959, p.244-245). Por exemplo, se estamos falando em assuntos sobre ciência prática tendemos a ser mais quantitativos nas argumentações, por outro lado, quando argumentamos nas ciências humanas estamos sendo mais qualitativos, porque nossos argumentos se baseiam mais em ilações dedutivas, mas sempre usamos de ambas formas em intensidades distintas.

50) CAMPOS DAS OPOSIÇÕES DA INTENSIDADE E DA EXTENSIDADE NAS ATUALIZAÇÕES

 No quinto campo dialético, buscamos as prováveis intensidades e extensidades presentes nas virtualizações que pretendemos confrontar com os conceitos dados pelo autor, para construirmos um contra-argumento coerente e real(DOS SANTOS, 1959, p.245). Ou seja, das contra-argumentações que estamos construindo, quais são os nossos dados quantitativos e quais são qualitativos dentro do nosso argumento.

60) CAMPO DAS OPOSIÇÕES NO SUJEITO: RAZÃO E INTUIÇÃO

 Através da união dos dados quantitativos e qualitativos possivelmente encontrados pelo autor, inferimos como o mesmo provavelmente construiu seu argumento final (DOS SANTOS, 1959, p.245). Ou seja, podemos intentar chegar ao argumento do autor através das partes constituintes do seu argumento, partes quantitativas e qualitativas.

70) CAMPO DAS OPOSIÇÕES DA RAZÃO: CONHECIMENTO E DESCONHECIMENTO

 Uma vez formado o argumento dado pelo autor, e tendo por base as informações intensivas e extensivas por ele propostas, o que pode ter sido deixado silenciado no argumento, ou melhor, o que foi desconhecido pelo autor, devido a um falho intuitivo, dedutivo ou pático (DOS SANTOS, 1959, p.245). Nesse campo precisamente temos que perguntar quais são as áreas não necessariamente relacionadas ao pensamento racional que não estão corretamente enfocadas ou não foram pensadas intuitivamente ou racionalmente corretamente na construção do seu conhecimento mas fazem parte dessa construção, como os fatores psicológicos, axiológicos, sociológicos, históricos, religiosos, morais ou pragmáticos, implícitos em todo discurso. Aqui o que buscamos é perceber quais fatores externos e internos que lhe fizeram criar argumentações ou se o mesmo seguiu fielmente os dados coletados, ou perdeu informações cruciais ao seu argumento.

80) CAMPO DAS OPOSIÇÕES DA RAZÃO: ATUALIZAÇÕES E VIRTUALIZAÇÕES RACIONAIS

 Usando as possibilidade abstratas e empíricas opositivas, que não foram reconhecidas pelo autor, que contra-argumento lógico racional poderia ser criado contra as formulações da ideia central do autor. Nesse ponto podemos propor contra-argumentações ao autor, baseadas na construção dialética intensiva-extensiva não analisada ou não explicitada pelo autor na construção do seu pensamento (DOS SANTOS, 1959, p.246-247).

90) CAMPO DAS OPOSIÇÕES DA INTUIÇÃO: CONHECIMENTO E DESCONHECIMENTO

 Sabendo dos mesmos dados intensivos e extensivos opositivos, o que pode ser inferido de forma intuitiva, sendo válido e verdadeiro e não foi percebido pelo autor. Em toda construção intuitiva de um argumento, alguns dados se perdem e deixam de ser analisados (DOS SANTOS, 1959, p.247). Nossa capacidade perceptiva nunca abarca toda constelação de intuições existentes num conceito ou conhecimento dado.

100) CAMPO DA VARIANTE E DO INVARIANTE.

 Finalmente, uma vez analisada as bases argumentais do raciocínio e as bases contra-argumentais ao mesmo, buscamos encontrar a possível validez e veracidade do conceito concreto proposto pelo autor, que seja ao mesmo tempo pretensamente invariante e universal, e ao mesmo tempo contingente e fático. (DOS SANTOS, 1959, p.247-249). Esse décimo campo dialético tem como consequências: ou a corroboração da ideia central do argumento estudado, ou sua anulação total, ou a existência de uma aporia insolúvel, ou a sua colocação dentro de um discurso mais completo e coerente com a realidade. Todo argumento final tem um apoio universal que fica invariável no argumento e outro que fica contingente e possível de variações potenciais.

 Assim observamos que a decadialética analisa várias etapas sucessivas, buscando encontrar possíveis ou prováveis falhas argumentais na formulação do conceito, falhas estas na formação ontológica ou basilar do conceito, na construção lógico-intuitiva da argumentação ou mesmo na conclusão variáveis contingentes ou em invariáveis universais, gerando conceitos universais ou empíricos verdadeiros, falsos ou incompletos. A decadialética intenta assim delimitar uma análise rigorosa e estrita que forme ao final um conceito o mais claro (auto-evidente), preciso (breve), rigoroso (não contraditório) e sólido (concreto com a realidade) possíveis (DOS SANTOS, 1959).

APLICABILIDADE DA DECADIALÉTICA NOS ÍDOLOS DE FRANCIS BACON:

 Vamos analisar os ídolos de Francis Bacon sob a perspectiva decadialética de Mário Ferreira dos Santos, sistematizando-as nos dez campos dialéticos previamente explicitados. (DOS SANTOS, 1959).

10) CAMPO DO SUJEITO E DO OBJETO:

 A ideia central de Francis Bacon é a de que evitando os quatro ídolos, ou tendo a devida atenção a sua possível presença podemos criar um método científico, rigoroso, claro e sem contradições. Dessa forma o seu método indutivista empírico estaria fortalecido e ocuparia o lugar de um novo método, ou novum organum aristotélico, suficiente para resolver os problemas filosóficos da idade moderna. Assim sendo, os ídolos seriam necessários e suficientes para evitar erros na construção dos raciocínio científico. Vemos que nessa análise o pensador inglês denota o conhecimento científico como o sujeito de conhecimento e o objeto que seria todas as outras formas de pensamento seriam virtualizados, ou seja, há um defesa clara do método científico quando evitamos os erros decorrentes do quatro ídolos.

20) CAMPO DA ATUALIDADE E DA VIRTUALIDADE

 Um vez especificado o objeto de conceituação, devemos propor virtualizações possíveis e prováveis ao mesmo, podendo ser afins ou contrárias ao argumento dado. Nesse caso temos que analisar se os quatro ídolos são o único vício possível ou se existem outras formas de errarmos. Vejamos possibilidades em cada caso:

1) Ídolos da Tribo: Se temos limitações sensíveis e cognitivas para perceber um objeto, há uma possibilidade de o sujeito estar equivocado em alguma medida. Assim isso é atualizado em toda ação do sujeito, suas limitações. Virtualmente podemos afirmar que fica a impossibilidade que possamos ser perfeitos na observação sensível ou na intelecção de tudo o que argumentamos, o que é auto-evidente.

2) Ídolos da Caverna: A segunda crítica ou vício percebido pelo pensador inglês é a de que na nossa formação cultural e educacional interfere nas nossas análises e que devemos saber percebê-las e evita-las. A virtualização possível ou provável a essa proposta é a de que talvez não possamos evitar nossas heranças culturais da nossa própria racionalidade científica ou filosófica na construção de um pensamento racional.

3) Ídolos do Forum: a linguagem técnica ou leiga apresenta erros evidentes de associação entre o que dizemos e o seu significado. Ou seja, virtualmente não podemos evitar pensar que nossos construtos culturais no nosso desenvolvimento intelectual fazem parte de muitas falácias argumentais que cremos na idade adulta.

4) Ídolos do Teatro: as ideias cristalizadas por pessoas doutas que respeitamos nos geram teorias viciadas por não estarem colocadas na realidade. Essa teoria pode ser sub-assumida claramente e o seu oposto absoluto na realidade é impossível já que cremos muitas vezes em teorias as quais não temos possibilidades nem tempo de verifica-las, mas na qual cremos por autoridade da fonte de informação.

5) Ídolos não percebidos do objeto: um quinto provável ídolo, não assumido diretamente pelo autor, por nós virtualizado, seria a virtualização dos vícios presentes no próprio objeto de estudo, com suas complexidades intrínsecas ou extrínsecas. Isso significa que Francis Bacon não considerou auto-evidente que as condições ou limitações próprias do objeto em estudo são muitas vezes importantes o suficiente para que se ocorram vícios na construção filosófica moderna.

 Assim as atualizações presentes na construção intelectual que estão implícitas nos ídolos de Bacon, que se opõe ao seus ídolos, podem ser que nossa construção intelectual nunca possa eliminar totalmente nossas heranças culturais ou psicofísicas. Por outro lado nossas virtualizações possíveis são que elas podem não significar uma limitação real ao ato intelectivo, e que os objetos de estudos, eles mesmos por sua dificuldade intrínseca ou extrínseca, podem nos criar erros ou vícios, o que não foi suposto por Bacon.

30) CAMPO DAS POSSIBILIDADES REAIS E DAS POSSIBILIDADES NÃO-REAIS

 No terceiro campo dialético o que intentamos separar são as propostas alternativas que podem ser reais como contra-argumentos ou como reforço argumental, das propostas que não são possivelmente reais ou que podem ser pensadas somente no plano teorético.

 Em respeito aos ídolos da tribo, sabemos é auto-evidente que não temos capacidade total de perceber as sensações externas de forma clara e evidente e que nossa intelecção sempre falha. Não podemos evitar essas falhas e não temos capacidade de evitá-las totalmente. Assim esse argumento é claro e preciso.

 Por outro lado, a influência dos fatores constituintes do ser humano, seja cultural, psicológico ou educacional, na nossa análise conceitual é evidente, mas a possibilidade de que seja eliminada ou excluída de toda análise científica ou filosófica essas dificuldades inatas e adquiridas, entra numa aporia até hoje insolúvel. Assim, a sua existência de limitadores e formadores cognitivos é um fato, mas a sua resolução e sua imparcialidade talvez ainda hoje seja somente especulativa, ou ideológica. Podemos limitar as influências culturais ou sociais, demonstrando as mesmas claramente ou através do desenvolvimento do método fenomenológico que se atém as coisas mesmas.

 No terceiro vício, os Ídolos do Forum, como já comentamos, a linguagem é uma construção humana em grupo, o que significa que tem relação direta e indireta com a realidade na qual estamos envolvidos. Mas se essa absorção pode acontecer como uma suposta falácia lógica do argumento ad hominem ou um próprio desvio de relação entre linguagem entre o objeto e o sujeito fazem com que o vício seja real, mas que às vezes a falácia seja o fator principal, mais lógica do que ontológica. Assim o mau uso da linguagem também parece intransponível, mesmo quando se intentou padroniza-lo com a lógica ou com o neopositivismo.

 Já o quarto vício, os ídolos do teatro, que existe quando toda uma teoria está errada por ser uma criação humana, ou uma fábula como refere o pensador inglês, a real descoberta dessa aporia muitas vezes leva muitos anos ou gerações, mas pode ser descoberta desde que esteja em momentos de crise ou de mudanças de paradigma.

 Em relação a um quinto vício que suspeitamos existir, as impossibilidades do próprio objeto em estudo, não há dúvidas que o mesmo existe sempre, pela complexidade da sua constituição, pela distância temporal ou espacial que o mesmo esteja do pensador, ou pela própria constituição física do mesmo, , como distância do sujeito observador para uma correta análise (ex: avaliação da constituição do universo ou dos astros), impossibilidade de acessar o objeto de estudo na sua funcionalidade (Ex, nos estudos da mente e cérebro, sabermos qual é a real complexidade neuronal humana estando o mesmo vivo) ou por fatores extrínsecos ( Ex: na física quântica, como a análise da velocidade de micropartículas), ou saber se o que vemos corresponde à realidade quando enfrentada ao objeto (efeitos da intensidade da luz, distância, fenômenos naturais). Os próprios objetos têm limitantes de análise, isso se torna claro com os exemplos.

40) CAMPO DIALÉTICO DA ATUALIDADE E A ANTINOMIA ENTRE INTENSIDADE E EXTENSIDADE

 No quarto campo dialético buscamos prever quais foram as bases qualitativas e quantitativas para a formação de um determinado ponto de vista ou analise conceitual do autor, ou seja. Intentamos criar as premissas estruturantes aos quais cremos que o autor se baseou. Vemos que Francis Bacon tirou os dados quantitativos da falta de estudos empíricos que existia na sua época. Muitos estudos eram criados sem base empírica, baseados mais na experiências dos professores ou pensadores. Como os meios tecnológicos da época mostravam grandes mudanças na empiria do período, os dados dos novos pensadores científicos mostravam várias incoerências nos estudos quantitativos prévios. Vários campos estavam sendo estudados simultaneamente, o que demonstrava novas percepções e criação de um próprio corpo organizado de estudo.

 Quanto aos dados qualitativos, ou seja, racionalizáveis, podemos identificar a constituição do método indutivista empírico, que se baseia nos dados empíricos controlados e sistematizados para a criação de leis. Assim foi através da observação que Francis Bacon observou os vícios sensíveis dos ídolos da tribo, através da ausência de estudos empíricos os ídolos da caverna, o mau uso de terminologia científica nos ídolos do foro e por fim, as ideias lógico-dedutivas como os ídolos do teatro.

50) CAMPOS DAS OPOSIÇÕES DA INTENSIDADE E DA EXTENSIDADE NAS ATUALIZAÇÕES

 Como oposições de extensidade separamos em dois grandes grupos, o devidos aos vícios encontrados no objeto e o devido aos vícios encontrados no sujeito da ação filosófica ou empírica. Como oposições ao raciocínio dos ídolos, dois pontos são muito importantes e de difícil solução. O primeiro respeito às nossas limitações sensíveis ou cognitivas na avaliação de uma teoria ou na criação da mesma. Sabemos que essa limitação muitas vezes inerente a nossa condição humana, mesmo que saibamos que ela exista. Quanto aos ídolos da caverna, temos muitos dados sobre a parcialidade dos estudos científicos, mas não apresentamos meios de soluciona-lo em curto espaço de tempo ou talvez nunca. Uma sistematização na relação da linguagem com a realidade, o que estaria suposto nos ídolos do foro são evidentes e claros, mas também os métodos criados para sistematiza-lo ainda hoje carecem de efetividade e eficácia. E por último, a geração de falsas leis ou teoremas, ou de todo um sistema complexo filosófico ou científico, como no caso por exemplo da lei da gravitação universal, somente são superados quando reais mudanças na estrutura empírica são encontrados, o que significa que muitas vezes ou são descobertos ao acaso, ou nunca são substituídos.

 Quanto ao objeto, o que não foi elucidado por Francis Bacon, temos vários estudos que mostram que a própria manipulação sobre o mesmo gera resultados totalmente diferentes (como na mecânica quântica) e que muitas vezes nossa distância de avaliação ou própria complexidade do mesmo (como estudos sociológicos ou antropológicos), apresentem tantas variáveis, que muitas delas são ou serão sempre somente especulativas. Intuitivamente podemos prever ser impossível termos absoluta análise sobre os fenômenos humanos ou da natureza, somente tendo possibilidades prospectivas ou aproximadas, o que significa que toda análise do ser ou da natureza tem limitações no objeto de análise, dados a complexidade e número absoluto de variáveis.

 Quanto as oposições qualitativas podemos inferir vários métodos de análise qualitativa diversos do método indutivista empírico, tais como o método dedutivo-hipotético, principalmente em estudos filosóficos analíticos, matemáticos ou lógicos; o método fenomenológico ou existencialista nos estudos do ser-aí, da realidade do ser que se apresenta ao mundo; as teorias histórico-críticas, marxistas ou neomarxistas nos estudos humanísticos; o método neopositivista ou positivista nos estudos da natureza, o método deconstrutivista da linguagem, o método psicanalista nos estudos da psique humana, o método de campo nos estudos entropológicos etc, etc. Assim vemos que o método qualitativo de análise deve levar em consideração outras formas intelectivas, separadas ou em conjuntos, dependendo do tipo de objeto ou sujeito que se está estudando, não sendo o método indutivista empírico um método único de análise científica ou filosófica.

60) CAMPO DAS OPOSIÇÕES NO SUJEITO: RAZÃO E INTUIÇÃO

 Uma vez que já temos os aspectos qualitativos e quantitativos, podemos saber possivelmente quanto de um ou de outro foi mais evidenciado na construção do argumento pelo autor. Ou seja, sabemos que os novos dados quantitativos de empíricos dados na idade moderna, que se resumiam a dados quantitativos da natureza e de estudos controlados eram os objetos que seriam universalizados por leis da natureza, que naquele momento eram consideradas estáveis e possíveis de análise clara, objetiva, sem contradições e sólidos. E sabemos que a racionalmente esses dados quantitativos seriam justificáveis através de métodos matematizáveis ou lógicos unicamente, o método indutivo empírico consolidado por Francis Bacon.

70) CAMPO DAS OPOSIÇÕES DA RAZÃO: CONHECIMENTO E DESCONHECIMENTO

 Esse campo dialético muitas vezes é silenciado por própria ausência de uma análise mais honesta sobre as suas próprias teorias ou por desconhecimento de outros fatores essenciais de análise. Hoje sabemos através da crítica histórica, posterior à fenomenologia heideggeriana que como estudamos seres presentes na própria realidade e que como somos seres dessa realidade, desse ser-aí-que-sabe-que-está-aí, não podemos ser totalmente livres do nosso meio formativo, seja educacional ou psicológico. Sofremos como bem analisa o método marxista, influências dos meios de produção sócio-econômica do nosso meio, da estrutura marxista que muitas vezes consolida a supra-estrutura de poder. Também aprendemos com o método genealógico do pensador francês Michel Foucault, que como filósofos ou cientistas esquecemos de analisarmos a si mesmos, a observar quais são suas reais carências argumentativas, que o fazem determinar dogmas como leis naturais, qual é sua situação de valores (axiológica), seus limitantes psicológicos, sociais ou econômicos (FOUCAULT, 1990). Nossas limitações não são somente lógicas ou sensíveis, são limitações psicológicas, psíquicas, sociais, econômicas ou ideológicas, que muitas vezes não são percebidas mesmo que tenhamos certezas que as mesmas existem. Isso significa que os mesmos vícios que pensamos que existem, muitas vezes não abarcam a totalidade de limitantes que temos por estarmos no mundo e sermos atuantes no mesmo.

80) CAMPO DAS OPOSIÇÕES DA RAZÃO: ATUALIZAÇÕES E VIRTUALIZAÇÕES RACIONAIS

 Na dialética das oposições da razão o que buscamos é construir contra-argumentos racionais retirados ou dos dados quantitativos ou qualitativos do próprio autor não foram devidamente analisados ou de informações que não foram buscadas pelo autor, mas que existem na realidade e na racionalidade provável. Ou seja, buscamos falhos no processo dedutivo ou teorético em si dado pelo autor, ou na má construção do argumento dadas as informações quantitativas. Assim contra-argumentando os ídolos do autor inglês, podemos afirmar sobre os ídolos:

10) Referente aos ídolos da tribo: que não podemos evitar limitações sensitivas ou cognitivas por serem partes constituintes da nossa forma humana. Isso significa que a ciência nunca poderá ser exata, mesmo que busque continuamente isso.

20) Que os ídolos da caverna são partes constituintes da formação do próprio ato cognitivo, o que faz-se impossível sermos totalmente intelectivos e sem preconceitos científicos.

30) Ademais, que os ídolos do foro representam aporias ainda hoje não contornáveis, por não conseguirmos linguisticamente ter uma linguagem direta e unívoca com a realidade e que ainda não temos meios para isso, somente em casos muito limitados de algumas áreas científicas não relacionadas com a realidade, como a matemática.

40) Que os ídolos do teatro são realidades presentes no próprio processo de criação da ciência, e talvez única forma de criar novas descobertas seja encontrar outras melhores.

50) Que o próprio objeto de estudo apresenta erros ou vícios e que dependendo dos prováveis erros podemos lançar mão de métodos mais diretamente relacionáveis.

90) CAMPO DAS OPOSIÇÕES DA INTUIÇÃO: CONHECIMENTO E DESCONHECIMENTO

 Todo processo dedutivo parte de induções encontradas na realidade ou em outros processos teoréticos, mas sempre não conseguem abarcar toda a realidade sensível e intuitiva (DOS SANTOS, 1959, 244). Intuitivamente percebemos que o pensador inglês intentou criar um método único de coleta de dados, assim como um método único da análise de toda a ciência e filosofia, um novo método. Sabemos também que intuitivamente temos diferenças gigantescas entre estudos da natureza, entre estudos das comunidades humanas, como da própria psique humana. Isso significa que propriamente intuímos vários tipos diferentes de método de acordo com a realidade que objetiva o estudo, se serão mais quantitativos ou qualitativos, mais exatos ou menos exatos necessariamente.

100) CAMPO DA VARIANTE E DO INVARIANTE.

 Esse campo dialético representa, mesmo que não explicitado pelo autor do método decadialético, um ponto final quando confrontamos a conceituação propostas pelo autor, com todas as críticas elaborados e consolidadas pelo recurso dialético de dez campos. Nesse ponto final criamos um confronto entre a visão global do pensamento do autor sobre um tema, buscando sua universalidade ( o que é ao final uma constante estudada e pode servir como apoio universal ao assunto proposto) e o que é a sua contingência ( ou seja, aquilo que pode variar na própria espacialidade como na própria historicidade do problema questionado pelo autor).

 No caso dos ídolos podemos afirmar intuitivamente e dedutivamente, relacionando com nossa análise decadialética que são invariáveis universais encontradas em todo raciocínio científico:

10) A presença de limitações cognitivas e sensíveis no sujeito intelectivo;

20) As influências da formação de vícios, tanto educacional, psíquica, social ou econômica no sujeito criador.

30) A presença dos Ídolos do foro na constituição da nossa linguagem, provenientes da limitação real entre a linguagem declarada e a sua realidade realcionada.

40) A presença dos Ídolos do teatro, por adesão do sujeito intelectivo às leis consideradas universais do seus tempo, mas que se mostram contingenciais posteriormente.

50) E as limitações do próprio objeto de estudo, que poderíamos chamar de Ídolos da Natureza, quando cremos estar certos quanto à imutabilidade e regularidade do objeto de estudo, mas que por outro lado apresenta diversos erros potenciais, tais como: quando o objeto de estudo não foi adequadamente analisado ou sistematizado; ou quando o mesmo é aporético por não poder ser definido na sua totalidade; ou quando o objeto tem várias contingências e características irregulares que não foram devidamente observadas; ou quando torna-se impossível encontrar regularidades no objeto por características intrínsecas do mesmo.

Por outro lado, quanto às variáveis conceituais no raciocínio de Francis Bacon que podemos trazer com a decadialética observamos:

10) Sobre os ídolos da tribo sabemos que os mesmos existem, mas ainda hoje não podemos controlar seus limitantes, por serem variáveis e contingenciais.

20) Sobre os ídolos da caverna, também sabemos que os mesmos existem, mas não sempre são limitantes, até porque hoje sabemos que fazem parte do próprio processo constitutivo do desenvolvimento cognitivo. Assim sendo é variável sua real importância na construção do raciocínio e sua total eliminação na construção de teorias.

30) Sobre os ídolos do foro a variabilidade dessa relação é auto-evidente, dada a não relação sempre intrínseca entre a palavra e o seu significado extrínseco na realidade.

40) Sobre os ídolos do teatro, mesmo que identificados, sugerem a própria construção e desenvolvimento do processo cientifico, sendo variáveis pelas próprias limitações do pensamento intelectivo humano na própria formação e desenvolvimento da ciência.

50) Sobre os ídolos que chamamos da natureza, podemos ressaltar que a contingência tanto do ser que analisa quanto do analisado é sempre variável é inerente ao sujeito e ao abjeto a sua contingência. Todo ato empírico ou intelectivo parte de um princípio que não poderá ser totalmente universalizado e que deve ser contestado em benefício próprio da ciência.

CONCLUSÃO:

 Com o raciocínio decadialético de Mário Ferreira dos Santos ( DOS SANTOS, 1959) podemos concluir

10) Que há erros, vícios ou ídolos possíveis de crítica em todo estudo conceitual ou classificatório que abarque a realidade, mas que muitos deles são decorrentes das próprias circunstancialidades do sujeito de estudo ou do seu objeto, sendo muitas vezes incontornáveis como forma essencial do próprio método científico realizado pelos e para os seres humanos.

20)Que os ídolos de Francis Bacon nos proporcionam uma importante introdução sobre a realidade do método científico indutivista empírico.

30) Que o objeto de estudo é passível de erros ou vícios na sua análise, o que nós chamamos de Ídolos da Natureza.

40) Que a realidade é importante tanto no processo formativo, ontológico do estudo, como na comprovação lógica do mesmo. A realidade serve como apoio na criação de ideias, mas também como comprovação efetiva das mesmas e na crítica à mesmas.

50) Enfim que as ciências buscam o conhecimento apodítico com a realidade, mas que ainda hoje está sujeito como um conhecimento razoável e não definitivo.

60) Que a ciência não pode necessariamente fugir de todas problemáticas que estão citados nos Ídolos de Bacon e que tampouco são suficientes para ordenar um construto científico completo e coerente.

BIBLIOGRAFIA

BACON, Francis. **Novo Órganum.** 1.ed. São Paulo: EDIPRO, 2014.

DOS SANTOS, Mário Ferreira. **Lógica e dialética**. 4.ed. São Paulo: LOGOS LTDA, 1959.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Métodos Lógicos e Dialético, III Volume**. 2 ed. São Paulo: LOGOS LTDA, 1962

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1990.